



# Boletim da Sociedade das Ciências Antigas

Publicação da Sociedade das Ciências Antigas — Todos os Direitos Reservados

Volume I, edição VI

Setembro de 2010

## Nesta edição:

A Igreja e o Templo - Robert Amadou 1

Discurso Iniciático - Dr. Marc Haven 12

Contos Espirituais 14

## A Igreja e o Templo - Robert Amadou

A Igreja católica romana, hoje e por toda a parte, proíbe seus fiéis, tanto laicos quanto clérigos, de aderirem à Franco-Maçonaria; aos Franco-Maçons ela recusa a comunhão eucarística. De antemão, a Santa Sé recusou a competência das autoridades eclesiásticas locais de anular ou suspender essas disposições canônicas. Tal é o direito e é fato a anulação, em 1983, dos compromissos firmados a partir de 1974, após longos anos de discussões e de reconciliações. É também fato que os motivos expostos não são de ordem contingente, mas necessária: o julgamento negativo da Igreja contra as associações maçônicas, quaisquer que sejam, permanece imutável, após um breve tempo, porque seus princípios sempre foram e sempre serão considerados como inconciliáveis com a doutrina da Igreja. Intérpretes autorizados explicam que o Franco-maçom e o cristão estariam sujeitos, respectivamente, a viver de modos incompatíveis com relação a Deus.

A Igreja do Oriente, a Igreja chamada ortodoxa não exprimiu opinião, nem legislou na matéria, embora a Igreja de Hélade tenha condenado a Franco-Maçonaria como uma religião pagã, em 1933, e tenha reiterado essa condenação.

A Igreja da Inglaterra adotou, em 1986, uma relação estúpida e má, que vinga bastante mesquinamente a derrota, no entanto ca-

trastófica, dos anti-feministas; mas se absteve com inteligência e caridade de seguir as respectivas conclusões que tendem a condenar a instituição maçônica, bem como os anglicanos que a ela pertencem.

Vários organismos protestantes, de diversas confissões e de diversos níveis, denunciaram na Franco-Maçonaria um anti-cristianismo, ou a-cristianismo, sem alterar nem a liberdade dos crentes de tais confissões, nem a harmonia que muitos dentre eles encontram na sua condição de cristão Franco-Maçom.

As críticas antecipadas por alguns representantes de Igrejas cristãs à parte da Igreja católica romana tocam, assim como a atual posição desta, doravante no cerne da questão; e as condenações locais, as reflexões individuais confirmam o caráter funda-

mental, declarado por Roma, do problema que a história ilustra em numerosos e esporádicos acontecimentos.

A Kirk presbiteriana da Escócia acaba, por sua vez, de lançar um julgamento muito severo, embora não se arrogue o direito de obrigar seus fiéis a se posicionarem contra a Franco-Maçonaria. Tal julgamento, também, toca no fundo da questão. Mas quando a kirk do século XVII, estrita e oficial, tolerava paradoxalmente ritos maçônicos de cunho oculto que se acreditava assimilados ao paganismo pela sua teologia, não ultrapassava



Robert Amadou (1924 — 2006)

ela a prudência do menos mal (de preferência ritos maçônicos a superstições católicas romanas!), para convir na verdade que a Franco-Maçonaria bem compreendida não invade em sentido algum a mais alta Igreja, e não encorajava ela antecipadamente a resolver o problema que ela própria vai levantar três séculos depois?

### Religião

1- Franco-Maçonaria e religião: são os termos de um problema. Qual é a posição da instituição maçônica relativamente à religião? Qual é a posição das instituições religiosas face à Franco-Maçonaria? É um problema fundamental, independentemente dos acidentes da história; independentemente também dos casos caricatos em que, por razões específicas, o problema é ora atenuado, ora negado.

2- Por razões históricas e geográficas, esse problema de duas faces se manifesta principalmente no caso do cristianismo e particularmente no Ocidente cristão. Os não-cristãos podem legitimamente também se preocupar com tal problema, em se tratando tanto de suas próprias religiões quanto do cristianismo, cujos dogmas e Igrejas os tocam de maneira variada; o cristianismo oriental, quaisquer que possam ser as inquietações, em geral ocidentalizantes, de algumas autoridades eclesiásticas do Oriente, precisa o problema e mostra o caminho para uma solução, ao mesmo tempo em que explica a origem e a gravidade da coisa, do problema pelo significado histórico, incluídos na história dogmas e instituições da Franco-Maçonaria e da Igreja romana.

3- Aplanemos as dificuldades. A Franco-Maçonaria não é atéia: seus estatutos proibem-na de sê-lo; bem como a consciência do sistema. A Franco-Maçonaria não é deísta: suas preces rituais, quaisquer que sejam suas formas ou sua matéria, demonstram isso; a crença na vontade revelada do Grande Arquiteto do Universo também. A Franco-Maçonaria não é indiferentista: do contrário, como poderia ela convidar o candidato a escolher um volume da Lei sagrada, entre todos, isto é um Livro santo entre todos aqueles que fundam uma religião particular?

4- Continuemos a aplanar. O juramento é de direito natural; os castigos cuja ameaça o acompanha são evidentemente simbólicos e estão ligados, a esse título, aos sinais de ordem; além disso, a Grande Loja Unida da Inglaterra aboliu a respectiva menção em 1985, para evitar qualquer equívoco, e numerosas obediências seguem o exemplo. O segredo, de resto, não é mais do que discrição. "Jahbulon" é uma palavra composta de fantasia, atestada no final do século XVIII, confirmada em 1835; a fim de evacuá-la da eventual

intenção de um sincretismo vago e ingênuo, os melhores intérpretes da Maçonaria o compreendem, prontos para modificar a ortografia, no sentido de um monoteísmo bíblico. As preces são de intercessão e não de adoração, e não há pellagianismo a temer, pois, se, no plano da salvação pelos sacramentos, o Santo vem ao homem, este pode tomar a iniciativa no processo dos mistérios ou pagão - ousamos a palavra - e é nesse plano exclusivamente que a Franco-Maçonaria opera. Vamos além.

5- Religiões fundadas na história, religiões fundadas na natureza: o cristianismo está fundado na história, mas recapitula os cultos de natureza ao recapitular a natureza, bem como os cultos. Eis a doutrina e a prática imposta: nada de luz incriada que não seja visível pelo homem transfigurado por ela, e é a mística; mas também - e é o mistério (a informar pela mística) - nada de cosmologia que não seja cosmofofia, nada de natureza que a Sabedoria não redima a Deus, presente como uma alma do mundo, ou sua suserana, certamente criada assim como a luz correspondente, cuja própria percepção, de repente, está no âmbito dos mistérios. Qualquer homem, naturalmente lógico, é capaz disso. Mas também a alma do mundo é uma manifestação das energias divinas que a Santíssima Trindade irradia, embora a Sofia eterna se identifique particularmente ora com o Logos, ora com o Espírito Santo. Nada de luz criada que não dependa, sem confusão, da luz incriada.

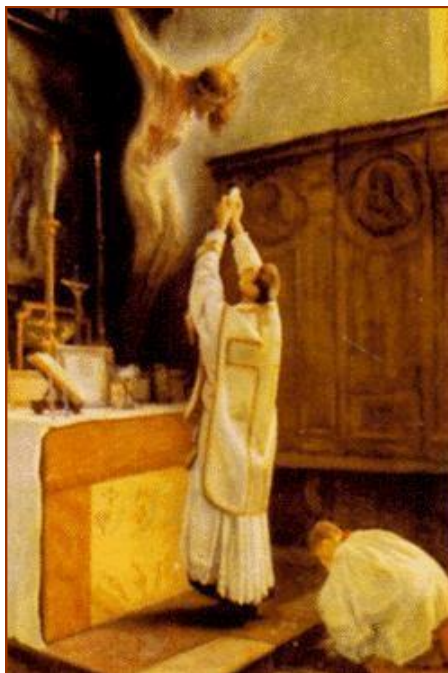
6- A transfiguração - do homem e do mundo pelo homem - é coisa da igreja; formas sagradas de contemplação e de ação são acessíveis ao homem fora da Igreja visível e ao cristão fora de sua atividade litúrgica expressa. Mas é sempre através de Cristo que tudo se opera e toda atividade do cristão que participa da liturgia. Em outras palavras, toda atividade do homem é, deve ser litúrgica, explícita ou implicitamente, regular ou selvagem e cristã com ou sem a letra. O cristão, por sua condição, reintegra, assim como sua doutrina recapitula, toda atividade de aparência extra-litúrgica e não cristã na Igreja inevitável, espiritualmente; ele se fortalece, ao se desmascarar, pela articulação.

7- O templo é o local particular de Deus, um ponto crucial de sua presença: o homem, espírito, alma e corpo, e meu espírito, minha alma e meu corpo, por excelência metódico; o cosmos; a sociedade em qualquer escala; os edifícios construídos ou a construir pela mão humana e segundo as regras da arquitetura natural, pelo que - peso, número e medida - a Sabedoria divina rege todos os templos e todas as ordens. E todos os templos, de todas as ordens, devem ser construídos; também, por conseguinte, a pessoa e a comunidade, e ainda o próprio cosmos: os ritos por toda a parte e sempre dão auxílio ao mundo. Os ritos sacramentais segundo seu modo eminente e sua eficácia

cia única.

8- Quando Coustos, em seu processo de Inquisição, em Portugal, relata estas sentenças ouvidas por ele em 1728: "O Mestre diz ao iniciado que a religião que ele professa doravante é muito mais nobre do que a Ordem do Velocino de Ouro, do Espírito Santo, de Cristo e de todas as outras no mundo, pois sua religião é mais nobre e mais antiga do que todas essas...", cuidado com o contexto! cuidado para captar que "religião" significa aqui ordem ou confraria. O que não exclui que a religião do maçom em sua qualidade não seja também a mais antiga, a ponto de ser a única.

9- A religião da Maçonaria, ou do maçom em sua qualidade, é específica, mas não é especificamente maçônica, embora não se encontre em nenhuma outra parte - e talvez nem mesmo ali - no estado puro. É o Noaquismo, a religião de Noé cujas duas características são a antiguidade (é até mesmo primitiva, desde a queda evidentemente, e cá para nós, a única) e a universalidade (é a velha e única religião católica). Religião de natureza e não da natureza (como se diz, ou como se deve dizer, não filosofia da natureza, mas filosofia de natureza, para designar o respectivo reflexo especulativo). Os noáquidos exploram a natureza na aliança. Os três grandes artigos teístas de Noé impedem que o homem se dissolva na natureza, e que até mesmo o esforço de conhecimento e de amor do homem que Deus instalou na natureza tenda para alguma fusão romântica, à moda de Novalis, por exemplo.



10- A aliança de Noé subsiste nas religiões arcaicas, mas, nos mistérios a ordenar, não é mais o cosmos que é mediador do mistério, é a pessoa: a de Deus faz homem e do homem que, no Espírito, se torna Deus. O homem, rei de existência universal, é também o respectivo padre, capaz de revelar, para enchê-lo de Deus e para oferecê-lo a Deus, o ser das coisas. O primeiro passo consiste na revelação natural, mas se não houver um segundo, será o cientista moderno ou o feiticeiro diabólico, que se tomará pelo padre da natureza.

11- Há uma verdade das religiões fundadas na natureza, que correspondem à aliança primeira de Noé: Deus se revela na regularidade dos ritmos naturais e no sentido metafísico de todas as coisas, algumas tendendo mais a ser emissárias a esse respeito e mais

geralmente contempladas. Porém "os homens mudaram a majestade do Deus incorruptível em imagens que representam o homem corruptível, pássaros, quadrúpedes e peixes". (Romanos, I, 2, 3). O artifício do homem caído favorece o aumento da obscuridade que sua decadência fez cair sobre o mundo. O erro, no entanto, não é fatal.

12- Em Abraão e em Moisés, a aliança não é anulada, é de uma outra ordem e Deus se revela na singularidade dos acontecimentos históricos. Em Cristo a aliança não fica anulada, ela se realiza. O cristianismo nos arranca da horizontalidade, qualquer que seja a sua profundidade, do cosmos. Cristo, diz Eusébio de Cesaréia, não traz uma mensagem nova, mas restabelece em sua pureza a religião da humanidade primitiva provisoriamente substituída pelo cristianismo (Dem. ev. I, 6).

13- Existe uma revelação natural de Deus em sua criatura, na natureza e no espírito humano; é própria à dialética do processo dos mistérios e, se quiser, do paganismo, da religião pagã. Contudo, a revelação natural que o homem encontra nele no mundo, na Sofia criada (segundo a expressão temerária, porém sugestiva, de Boulgakov, e com a reserva de que ela não esteja caída, de fato, na sabedoria terrestre, sensual, diabólica (Tiago, III, 15)), na imagem de Deus, está manchada de erros e de ilusões. A revelação divina, com a qual a Franco-Maçonaria não se preocupa, mas que o Franco-Maçom e, em particular, o Franco-Maçom cristão ou o cristão Franco-Maçom não esquecerá, é, simetricamente, uma descida de Deus no homem.

14- Primeiramente, contemplação de Deus, comunhão direta com Deus, visão da luz incriada. Mas, depois (segundo a hierarquia e primeiramente segundo certa pedagogia), contemplação da natureza, conhecimento dos seres, isto é, dos "segredos da glória de Deus escondidos nos seres" (Isaac, o Sírio). Essa segunda espécie é a primeira revelação, a primeira aliança com o Logos em que são criadas todas as coisas. O Peregrino russo aprende a linguagem da criação: sublima uma atividade pagã ao santificá-la: do cosmos litúrgico à liturgia cósmica. À intuição direta da luz e da ação de Deus nas naturezas visíveis está ligado, na doutrina e talvez na prática, o conhecimento racional em que a alma vê a si própria: reflexão filosófica ou contemplação do nous chamado para descer até o coração pre-

parado.

15- Os sacramentos da Igreja não passam por ritos exercidos na loja maçônica, à sombra ideal do Templo, e em seu movimento não há nenhuma rivalidade. Os sacramentos são de instituição divina direta (por Jesus Cristo ou por sua Igreja que é seu corpo místico), os ritos são de origem natural, como a revelação primitiva, e indiretamente divina. Os ritos iniciáticos prometem e significam a salvação, os sacramentos dão acesso a ela. Natureza, ritos, mundo devem ser conhecidos e devem servir tendo em vista a sua transfiguração. É bom que todo homem os conheça e os sirva, é necessário que todo cristão recolha esse conhecimento e esse serviço, na medida em que isso lhe for requerido, no processo de transfiguração em que está engajado desde o momento em que se engajou. É útil que o cristão, que tem a vocação, conheça e sirva o que a todo homem cumpre transfigurar entre outros, com tudo. Do bom uso da ciência; ainda é preciso que seja da boa ciência.

### Ciência

16- Na qualidade de ciência, seja em seu sentido moderno, seja no sentido do ocultismo (cuja idéia, na falta de nome, é tradicional), a religião pode tolerar a ciência e manter a respectiva cultura como lícita. Não seria a evidência em parte enganosa? Não dissimularia, pelo menos, a complexidade? No caso das ciências ditas ocultas (adivinhação, a astrologia num alto grau, magia, alquimia), a suposta relação de coexistência corre o risco de ser mais delicada, porque mais íntima, com a recusa do ocultismo de ser cortado da religião e desembocando normalmente na teosofia; a ciência moderna, ao contrário, situa-se deliberadamente na ignorância do religioso.

17- Na realidade, a relação, no primeiro caso, corre o risco de ser sem razão uma relação de concorrência, ao mesmo tempo que se oferece para ser uma relação de articulação; tem a verdadeira religião licença de conceder a autonomia a qualquer ciência que seja? Ocorre que a ciência dita moderna, ou racionalista, o cientificismo (ao qual acontece de passar por um ocultismo transviado), que acredita no poder de uma razão sem Deus, recusa qualquer ingerência da religião e quer aliená-la completamente. O problema não é, portanto, mais difícil, como pareceria, com a ciência pura e simplesmente - e pura e simples: é resolvido antecipadamente, em detrimento de uma religião que não se reduza à sua própria caricatura pseudo-racionalista. Com as ciências ocultas, o problema é árduo, porém passível de uma solução equitativa e fecunda.

18- Da ciência às ciências ocultas e vice-versa, a neo-ciência que restaura a ciência tradicional e a respeita

em sua pretensão toda, participando, constitui uma das tarefas da Franco-Maçonaria. Assim ela se mostraria não como adversária, mas como auxiliar da verdadeira Igreja, e de todas as verdadeiras ciências. Cabe à Franco-Maçonaria, bem como a qualquer sociedade de iniciação natural, completar em alguns pontos a ortodoxia: ortocosmogonia, ortocosmologia e ortogênese.

19- A filosofia e o estudo da natureza são as únicas atividades que, sem ser especificamente religiosas, deixam ser admitidas pela religião, mas não sem relação com ela: falar-se-ia melhor de filosofia natural - ou de ciências ocultas com seus mantenedores e com suas saídas em ciência e em neo-ciência - e de filosofia de natureza. O ocultismo consiste numa filosofia de natureza que coroa e compreende a filosofia natural. A iniciação dá acesso a ele. O esotérico, que liberta a iniciação natural, leva ao interior da natureza e do homem, os seus segredos. Também ao interior das Escrituras sagradas. E ao interior do homem e das Escrituras sagradas, quando se trata de revelação natural em que o processo vai do homem e quando o homem é, em parte, de natureza e seu esforço natural se deve servir da abertura do homem a Deus. (Somente o dom de Si mesmo, permite ao homem perfazer sua aproximação com Deus, este é o ponto onde Saint-Martin vê a iniciação perfeita.)

20- Na origem de sua instituição, a Maçonaria está fundada nas ciências e nas artes liberais, mas mais particularmente na quinta destas últimas, que é a geometria. Esse saber de geometria, ou de arquitetura, atesta a estrutura platônica das ontologias arcaicas e tradicionais ao mesmo tempo que o caráter arcaico e tradicional da ontologia maçônica. A lendária história da Franco-Maçonaria relata o mesmo saber aos egípcios, aos discípulos de Pitágoras, aos druidas, aos essênios e aos cabalistas. E a história inscreve a ideologia da Franco-Maçonaria moderna no movimento da filosofia oculta no Renascimento que Frances Yates analisava numa filosofia hermética cristã, com uma aliança particular e rosacruziana de magia e de ciência. A ortocosmogonia, no Oriente como no Ocidente, contentava-se com a alquimia mesmo cristianizante e Campanella organizava em Roma para o papa Urbano VIII, que nela entrava, ritos mágicos.

21- Não conteria a ciência em questão, a ciência maçônica também, ou assim, fragmentos sem dúvida longe de estarem caducos, daquela (ciência) que Clemente de Alexandria torna o objeto das tradições secretas dos apóstolos? Essa ciência é especificamente cosmológica e fornece um fundo de mistérios: trata da descida (Encarnação) e da nova subida (Ascensão) de Cristo através das esferas celestes e da experiência do crente conhecedor, do Gnóstico, realizada pela imitação, pela identificação e, por isso, análogo. Essa experiência verifica, e vivifica, um saber teórico no prolon-

gamento das mesmas tradições inter-testamentárias que os apóstolos manteriam no cerne do judaico-cristianismo e que a Cabala repartirá em duas grandes categorias: o começo, ou a Gênese (que é também o Logos ou a Sabedoria principais), e o Carro, ou a viagem visionária. Em continuidade de um esoterismo judeu do tempo relativo ao domínio muito definido dos segredos do mundo celeste, as tradições secretas dos apóstolos revelam no cristianismo, e segundo a feliz fórmula de Jean Daniélou, o mistério de Cristo em suas dimensões celestes e angélicas.

22- Os procedimentos de concentração, de meditação e de contemplação, que conhecemos do Judaísmo, do Islamismo e do Cristianismo visam a união estática com a Divindade.

23- A economia divina que tem por objetivo a transfiguração do criado implica na política e no social. A revelação natural e a pedagogia dos mistérios também.

24- A Franco-Maçonaria ensina a ciência. A letra inicial "G" está no centro de sua estrela flamejante. Mas esse G só designa a gnose como geometria, historicamente significação primeira da inicial, e doutrinalmente radical. A ciência maçônica, arte da Maçonaria, arte da geometria, gnose maçônica, gnose simbólica, é uma ciência tradicional e se opõe segundo o espírito, que fixa uma mentalidade, à ciência moderna. Mas ela tem o direito de recuperá-la. A

ciência tradicional tende a contaminar, para sua salvação, a ciência moderna; é auxiliar da liturgia, é transmutável como é ordenada, no segundo grau, à transmutação. É, em compensação, conforme ao espírito dos ritos apoiar-se em sacramentos e conduzir até eles os que ignoram por vezes até o seu próprio nome. Faz parte do espírito dos sacramentos recuperar os ritos, ou, pelo menos, seu produto e de encaminhar até eles os que desejam efetuar tais aplicações particulares da vida litúrgica. A mentalidade mística, entretanto, não é a mentalidade dos mistérios. A revelação natural não poderia arrebatá-la, nem, para um cristão, extrai-la da hierarquia.

25- Mistérios e não mística: platonismo dos símbolos geométricos, hermetismo, reforma geral apreendida pelos rosacruzes da ciência e da religião - entendamos: em suas relações mútuas - são os ingredientes

que ora se corromperão em cientificismo e em racionalismo materialista: uma razão sem Deus que a ilumine, uma ciência que esquece o desregramento das relações entre o homem e a natureza, bem como a missão sacerdotal, que persiste, do homem no mundo; ora se comporão numa religião com pretensões historicistas abusivas.

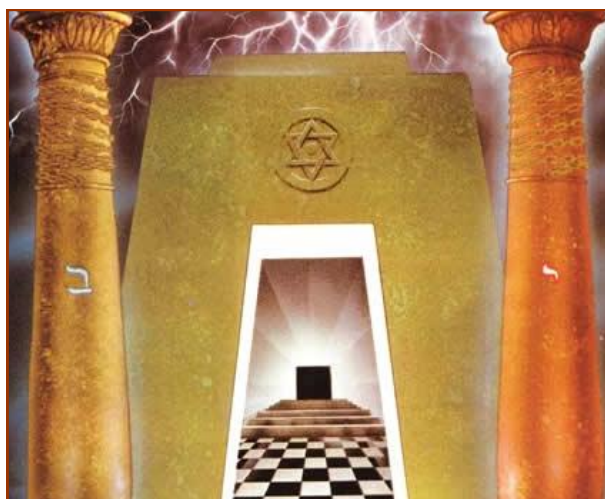
26- O lugar da alquimia é, em relação à religião cristã e à Igreja, análoga a ela na Franco-Maçonaria, que é essencialmente ritualística. Maurice Aniane foi o primeiro que discerniu essa situação teológica e é preciso inspirar-se nele. A alquimia é uma ciência de sacrifícios das substâncias terrestres, uma aplicação psicocósmica do cristianismo, literalmente ou não. Detém um papel maior na religião tornada, por perversão, acósmica, isto é, anti-cósmica. A alquimia é, portanto, uma ciência sacramental (não sacramentaria), sonha com a natureza transfigurada, lembrança do Éden e espera a parousia no coração do homem, o ser central e consciente da criação. O alquimista celebra ana-

logamente uma missa cujas espécies são a natureza inteira; a alquimia segue uma dupla lógica da reintegração, da guerra e do amor.

27- A alquimia é ainda uma ciência cosmológica que nunca pretendeu bastar-se a si mesma: sempre esteve subordinada a uma via de união propriamente espiritual, que se trate (exemplos de Maurice Aniane) da parte sacerdotal da tradição egípcia, do sufismo, do hesicasmo

bizantino, ou da grande mística intelectual ocidental até Mestre Eckhart e Angelus Silesius. Essas considerações (que pedem um melhor discernimento da teologia inerente à alquimia bizantina e siríaca) são passíveis de transposição para o plano da Franco-Maçonaria.

28- O encontro entre a alquimia e a Franco-Maçonaria na história, no decorrer de quatro séculos, transforma erroneamente, aos olhos de alguns, a analogia em uma identidade. A alquimia, de fato, só é a chave da Franco-Maçonaria por causa do objetivo último em que elas tendem juntas para um mundo deificado pelo homem deificado, com a tomada de consciência, de uma parte da luz inclusa no homem e na natureza, de outra parte e em correlação, que essa luz é transparente à luz de Deus que a criou. O método alquímico pode ser feito pelo método maçônico, mas este não se reduz àquele.



29- A magia é inerente à Franco-Maçonaria; seus ritos são mágicos por definição. A aprendizagem maçônica, que depende da ciência e da magia, pode voltar à ascese e a magia, à teurgia. Alguns desejam e se juntam a nós no coração da problemática do Templo e da Igreja.

30- Se a letra do maçom era e continua sendo a letra inicial de "Geometria", a palavra do maçom, aquela a que se referia o juramento secreto e cuja transmissão era cerimonial (donde o juramento que permanece e as cerimônias que se estenderam) era e continua sendo composta dos nomes de duas colunas do templo de Salomão: Jakin e Boaz. Independentemente de esses nomes se referirem à ação do Grande Arquiteto do Universo e independentemente de essas colunas estarem erguidas nas portas do Templo, tais colunas, como todas as colunas, simbolizam também o eixo sagrado, a árvore da vida ígnea do binário. Qualquer milagre, na verdade, na natureza vai do um ao três pelo dois. O iniciado aprende a conhecer e a encontrar o terceiro termo que conduz à unidade.

### Luz

31- A gnose em questão, ou a ciência maçônica em várias disciplinas, não é a gnose apofática, que perfaz todo conhecimento, em que "na Tua Luz nós vemos a Luz": É a experiência da luz incriada, enquanto a luz maçônica, assim como pedra filosofal, é

a luz criada, que é de Deus sem ser Deus. "Hiram é a sabedoria adquirida, Salomão é a Sabedoria recebida" (Mgr Germain de Saint-Denis).

32- Gnose subordinada então; ou bem essa gnose incompleta volta à humanidade laica, como a ciência que escapa da filosofia da natureza deixa de ser filosofia natural para voltar ao cientificismo. A Franco-Maçonaria tem direito de ser um gnosticismo, com a condição de limitar a ambição. A mitologia gnóstica tem uma função transformadora (não transfiguradora) na ordem do simbólico (não na do Ser). Não é uma mitologia, pois não é uma mitologia de salvação nem de libertação, mas de passagem.

33- É a intuição e o paradoxo de um gnosticismo, maçônico por exemplo, o fato de as rigorosas estruturas cosmológicas, sociais e antropológicas deste mundo extraírem sua origem da ambigüidade e da desordem

compreendidas com a ajuda de símbolos. O período liminar é marcado por um amplo uso dos símbolos femininos, enquanto o estado de salvação futuro, e de libertação, é marcado por símbolos de masculinidade.

34- A religião gnóstica está fundamentada numa tensão entre o espírito e a matéria. A Sofia é o símbolo da queda ora como iniciadora, ora como iniciador; é o símbolo da salvação ora como iniciador e ora como iniciadora. A feminilidade é essencial à criação, nela incluída a humanidade, "que se revela finalmente na maternidade da Virgem e no sustentáculo da Igreja" (Louis Bouyer). Os mistérios orgíacos são uma degenerescência do culto devido à sabedoria, como o culto sádico do esperma é uma perversão tanto do culto devido à luz criada quanto da imersão na luz incriada. A feminilidade é essencial à criação. A Terra é a Sofia cósmica, princípio feminino do mundo criado que se chama: "divinização". A Sofia de criatura está orientada para o céu, mas a Sofia caída é exorcizada pela Encarnação. Cabe combater a dupla tentação: transferir o trágico sofiano no próprio Deus (e por vezes, correlativamente, satanizar a Trindade em quaternidade); não desmascarar a sabedoria debaixo, quer dizer a que está embaixo e vem debaixo, "terrestre, sensual, diabólico", escreve o apóstolo Tiago, caída numa palavra, e que está embaixo mas vem de cima, a que, de repente, perderia, a nossos olhos, sua realidade ao mesmo tempo que seu espírito e sua verdade.



35- Síntese de Saint Maxime le Confesseur. Deus atribuiu ao primeiro homem a função de unir nele o conjunto da criação e ao mesmo tempo alcançar a perfeita união com Deus e conferir assim à criação toda o estado de deificação. Ele deveria, antes de tudo, suprimir em sua própria natureza a divisão em dois sexos, seguindo a via impassível segundo o arquétipo divino. Estaria, então, em posição de juntar o paraíso ao resto da terra, visto que, carregando incessantemente nele o paraíso e, estando em comunhão com Deus, ele poderia transformar a terra inteira em paraíso. Em seguida, deveria ultrapassar as condições espaciais não somente em espírito mas em seu corpo, juntando céu e terra, a totalidade do universo sensível. Tendo ultrapassado os limites do sensível, lhe ocorreria de penetrar no universo inteligível por um saber igual àquele dos espíritos angelicais, a fim de unir nele os mundos inteligível e sensível. Enfim, somente Deus

restando exterior, bastaria ao homem dar-se inteiramente a Ele num total abandono de amor, e assim voltar a Ele a totalidade do universo criado, reunido em seu ser. Deus se daria, então, reciprocamente ao homem que possuiria desde então por graça tudo o que Deus possui por natureza. Mas Deus falhou no cumprimento de seu dever de deificação de si e do universo. Impõe-se, portanto, a intervenção de um segundo Adão, do novo homem, Cristo.

36- Seqüência da síntese de Maxime le Confesseur. Impôs-se um segundo Adão. Por seu nascimento da Virgem Maria, Cristo suprimiu no homem a divisão entre masculino e feminino. Na cruz, ele junta o paraíso com a terra do homem caído. Em seguida, passando através das esferas, ele une o mundo espiritual ao mundo sensível. Enfim, qual um novo Adão cósmico, apresenta ao Pai todo o universo restaurado nele, unindo o criado ao incriado. Santo Filoteu comentará que a Sabedoria construiu uma casa para si, quer dizer que a sabedoria do Pai preparou para si a mais pura carne da Virgem assumida pelo Verbo.

37- Sofia - Sabedoria -, em seguida Sofia incriada e Sofia criada em que esta se reflete e faz a alma do mundo. A hipótese de Boulgakov é bastante audaciosa para ser inaceitável em sua integridade, e para fornecer à reflexão variedades e abusos que cumpre discriminar, no progresso da reflexão. Prossigamos, então, com o autor: a unidade das duas Sofias, ou dos dois aspectos respectivos de Sofia, faz o panteísmo (tudo está em Deus, mas não tudo é Deus). Sua diferença, ou a diferença dos aspectos da Sofia, faz a temporalidade, a história e uma parte do Boulgakov chamou de "a filosofia da economia" (de outra forma do plano divino). Em todo caso, para os Padres, a Sofia criada participa da glória da Sofia incriada e identificada seja com o Espírito Santo, seja com o Logos. Já, para Paulo, a criação é glorificada e unida em Cristo, e é a Sabedoria.

38- O zen-budismo, e os procedimentos análogos, mostram a luz criada. Donde, observa Olivier Clément, ele ensina a ver e repousa na sacramentalidade do cosmos. Mas esta só existe para tornar-se transparente à luz incriada. Depois de descrever o simbolismo cósmico do templo mosaico, Clemente de Alexandria, João Crisóstomo, Teodoro de Ciro, na linha de Filon, explicam que o mundo físico é, por sua vez, apenas um intermediário simbólico oferecido ao espírito em busca de realidades mais altas.

39- "O divino Denys atesta que todas as criaturas são apenas espelhos que nos remetem os raios da divina Sabedoria. Assim, os sábios do Egito julgavam que Osiris, tendo confiado a Ísis a carga de todas as coisas, impregnava, invisível, o mundo inteiro. Poderia isso

significar outra coisa além da penetração íntima do poder de Deus invisível no seio do universo?" (Athanasius Kircher, 1601-1680). Mas a verdade diz: "a inteira Luz é a luz sem forma, a Santíssima Trindade, sujeito e objeto não de mistérios mas de mística".

40- "Os procedimentos dos antigos taumaturgos, daqueles que se chamavam magos ou adeptos, graças aos quais se perpetuou um pouco da luz original colocada pelo Pai na criação": é o ocultismo segundo um dos seus mestres cristãos, no século XX, Sédir. Espírito universal, luz, sim, e ainda alma do mundo. Luz da natureza, escreve Paracelso: cumpre reintegrar a natureza com sua luz. Paracelso evita, especialmente, a linguagem da religião que ele contudo segue, pois quer restituir-lhe seu vetor cósmico cujo primeiro segmento começa com o ocultismo, e a linguagem de uma religião descarnada frustraria a manobra mágica a serviço da piedade. Existe ainda uma luz astral que pertence à Sofia caída, e alguns ocultistas, vítimas da ambigüidade, a substituem pela luz que resulta, no final das contas, da do Verbo-Sabedoria, segundo o Gênesis e segundo São João. Mais geralmente (pois vale também para o zen budismo e para o ioga hindu), que um prestígio nos pareça manifestar até mesmo a luz criada, é, segundo São Gregório Palamas, o efeito de um volteio favorito do diabo. Nunca se deve eliminar a hipótese de cara.

41- Os últimos nomes de cidades modernas levam a uma dupla observação: é um acaso que os enviados de Deus de alguma maneira extra-canônicos, de Albert le Grand e Raymond Lulle a Martines de Pasqually e a Boehme, de Saint-Martin e Cagliostro a Philippe Nizier e a Papus (para ficar no círculo familiar), é um acaso que esses apóstolos da moral evangélica também o sejam da revelação natural, que esses amigos de Deus se misturem tão freqüentemente com ciências tradicionais tanto quanto com caridade e se, em tempo oportuno, que eles tenham outros laços, talvez não heterogêneos, com a Franco-Maçonaria? Seria um outro acaso se os partidários de Satã privilegiassem - fato patente - as mesmas formas?

42- Limite extremo deste capítulo: Pai, Verbo e Espírito são a tripla luz da Divindade, de que toda a criação recebe a luz. Os anjos são luzes secundárias. A natureza intelectual do homem é também luz. A imagem divina no homem fica obscurecida pelo fato de sua separação de Deus. O recebimento da luz plena está, portanto, ligada a uma nova iluminação, ou, como diz Gregório Palamas, advém quando o homem vestiu o hábito de luz que ele desposou quando desobedeceu a Deus. Essa luz é a graça e a energia incriadas de Deus. A experiência mística da deificação (que está relacionada com a prece contínua) é a visão da luz divina.

Aquela luz não é um meio criado, nem um símbolo da glória divina, mas uma energia incriada, na verdade derivada da essência de Deus, sua graça. Todavia o superior não anula nem desqualifica o inferior, quando este lhe é ordenado e no mesmo sentido: é ele que o ordena ao contrário e lhe dá sentido.

### Cosmos e História

43- Religiões fundadas na natureza, religiões fundadas na história - luz criada e luz incriada que cumpre contemplar - Mircea Eliade viveu o drama de um conflito ou de uma confusão, e tentou desembaraçá-lo; concluiu-se, portanto, de maneira contraditória sobre o seu "arcaísmo" e sobre o seu cristianismo. Douglas Allen traçou as linhas da perspectiva de uma inteligência. A ontologia arcaica primeiro, no estado puro, por assim dizer, eminentemente na Índia. Os místicos indianos, esforçando-se para abolir o tempo profano e a história, mostraram que a unificação e a cosmização do universo, concebidas em função dos ritmos da natureza e dos outros fenômenos cósmicos, só constituíam uma fase intermediária e imperfeita. É um estágio que deve ser ultrapassado e se quer atingir a transcendência da condição cósmica enquanto tal. Somente uma religião cósmica poderia dar acesso à absoluta transcendência do que é finito e limitado, à consciência de uma liberdade não condicionada que não existe em nenhuma parte no cosmos. Vê-se o passo antecipadamente, vê-se também o passo que falta dar. (Fiquemos atentos e a fórmula do padre Jules Monchanin, em vez de nos desviar, nos guiará: o Espírito sopra na Índia (sopra para onde quer)), mas a Índia não conhece o Pai, tampouco o Filho. Eu ousaria forçar resumindo ainda: na Índia falta a Santíssima Trindade, não, não mais enigma, mas solução em forma de mistério. E a Índia só está aqui para nos servir de exemplo, mesmo que seja permitido nela ver um exemplo privilegiado. Monchanin acrescenta que o Ocidente cristão se preocupa muitíssimo pouco com o Espírito. Ponho em contraste a fidelidade da Igreja do Oriente à sua "teologia mística".

44- As expressões religiosas ocidentais que mais interessam a Eliade são as que se situam fora das grandes correntes religiosas históricas: o misticismo, a alquimia

e o folclore da Europa do leste. Eliade afirma sua esperança em um cristianismo renovado graças à contribuição do cristianismo cósmico. Sabemos doravante que os aspectos ontológico e cosmológico do cristianismo lhe pertencem de direito, mas que somente a revelação ao mesmo tempo pessoal e histórica funda, justifica e explora ao mesmo tempo que exalta a revelação natural. Quando o judeu-cristianismo é anti-cósmico, faz falta a si próprio; seria trai-lo e prevenir sua reabilitação rejeitar o cristianismo histórico em prol de uma ontologia arcaica e anti-histórica a própria essência de um cristianismo histórico. Seja como for, a Franco-Maçonaria, com sua religião de natureza e sua filosofia de natureza, não tem autoridade alguma para erigir em absoluto uma revelação cósmica. O lugar fica livre para uma teologia historicista, que não tem, entretanto, mais direito de se impor como loja.



45- O antropocentrismo bíblico é responsável por nossa atitude tirânica face à natureza, e pelo cientificismo correlativo. O que se tem como assegurado, até mesmo como evidente, só é verdadeiro para uma época e para uma área cultural dadas, em virtude de uma compreensão mediada pela Bíblia, corolário de uma evolução moderna do cristianismo, teologia e Igreja. Na realidade, o homem e a natureza, frente a frente segundo a Bíblia, só se determinam aos olhos do historiador: de outra maneira no contexto bíblico, de outra maneira na tradição pós bíblica, de outra maneira na Idade média e na Renascença, no Ocidente. De outra maneira, enfim, no encontro do judaísmo e do cristianismo com o pensamento grego, sem esquecer que a cristandade oriental inclui,

também, e antes de tudo, a Igreja de Antióquia onde se efetua um outro encontro: o do judeu-cristianismo com um pensamento fundamentalmente semítico que reativa e enriquece o judaísmo bíblico e pós bíblico do cristianismo. (Entretanto, não há antagonismo, mas um acordo freqüente e uma complementaridade dos Pais gregos e dos Pais de língua siríaca.)

46- O inverso é do mesmo modo verdadeiro; pelo efeito de uma reação que corresponde ao fruto de uma evolução diferente, o antropocentrismo bíblico é responsável pela atitude dita ecológica, quer dizer pela atitude laica e naturalista, tendendo à sacralidade, que parodia nossa vocação ao sacerdócio cósmico.



47- Essa vocação que é, no final das contas, o fruto do mais fiel e do mais justo desenvolvimento da revelação bíblica, de seu desenvolvimento tradicional, entroniza o homem como esposo e padre da natureza, como deus da natureza, chamado para tornar-se Deus e, por sua própria deificação, para deificar a natureza.

48- A Bíblia dessacralizou a natureza; assim foi dado lugar à ciência. Ciência e técnica modernas desmistificam, dizem, as antigas mediações cósmicas. Mais valeria dizer que a Bíblia demoliu o ídolo da natureza. Pois não se trata de deixar lugar à transfiguração do mundo pelo homem liberto dos ciclos cósmicos. As próprias ciências do mundo, longe de estar evacuadas, estão fortificadas e carregadas de missão. O desencantamento do mundo significa apenas que o sagrado não é o Santo e que o Santo dispõe do sagrado.

49- Assim, na Franco-Maçonaria, o homem não cristão mantém em parte e da melhor maneira possível neste mundo seu papel de cristão, isto é, de homem segundo a antropologia cristã (e também, nós vislumbraremos isso, segundo o judaísmo e o islã). O cristão confesso, praticante, mantém aí plenamente e da melhor maneira possível esse papel. O cristianismo, segundo Eliade, é a hierofania suprema. É também, a teofania suprema. É preciso empunhar as duas extremidades da cadeia, cujos elos são a Franco-Maçonaria e a Igreja.

50- O Verbo se dá ao homem nas coisas. Louis-Claude de Saint-Martin, havia cogitado o título "Revelações Naturais" para a obra que ele finalmente intitulou "O Espírito das Coisas". James Anderson, em 1723: Se compreende bem a arte, declara o artigo primeiro das primeiras constituições da Franco-Maçonaria moderna, se ele compreende bem a arte, o franco-maçom reconhecerá, em suma, a existência, com as exigências que ela acarreta, do Grande Arquiteto do Universo. Isso está completamente relacionado com a Sagrada Escritura. Assim, Paulo: "Sua realidade invisível [de Deus] - seu eterno poder e sua divindade - tornou-se inteligível desde a criação do mundo, através das criaturas, de sorte que não têm desculpa. Pois, tendo conhecido a Deus, não o honraram como Deus nem lhe renderam graças; pelo contrário, eles se perderam em vão arrazoados, e seu coração insensato ficou nas trevas. Jactando-se de possuir a sabedoria, tornaram-se tolos." (Romanos, I, 20-23). Tolo, isto é, idólatras e o ateísmo é evidentemente uma forma de idolatria.

51- A realidade primordial e a primazia do espírito. A natureza é um sistema de aparências e de imagens que reflete uma ordem metafísica: Platão, certamente, mas também Denys o Areopagita, a cabala, o hermetismo, a alquimia... sem distinguir o platonismo filosófico de um Plotino e o platonismo mágico de lâmblico e de

Proclus, de Thomas Taylor de uma parte e de Yeats, de outra. Acrescentemos, com a tradição judaico-cristã, que realiza o platonismo que falta a uma certa densidade deste mundo: se não, mais cosmofofia, no sentido cristão da sofologia. Realizar o platonismo, voltar a ele "dar consistência" (Jean-François Var).

52- Compreender bem a arte da Maçonaria ou da arquitetura, ou da geometria, que é a arte universal, como o arquiteto da Renascença é o uomo universale, tem valor pedagógico para o não-cristão; tem igualmente para o progresso do cristão dentro do cristianismo.

53- O homem não pode ser salvo pelo universo, ele é, ao contrário, responsável pelo mundo. Pode salvar o universo pela graça. Enquanto Logos, palavra de um Logos mudo, de uma palavra muda, pois o cosmos tomou um aspecto noturno, mas Cristo abriu, reabriu a via da deificação, e o cristão é aqui, como em qualquer outra parte, um outro Cristo. "Um outro Cristo": Tertuliano permanece, entretanto, ambíguo em relação a Paulo que afirma: "Não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim." Digamos, portanto, melhor: o próprio Cristo, ou um "pequeno Cristo".

54- "O Grande Arquiteto do Universo concebeu e realizou um ser dotado de duas naturezas, a visível e a invisível: Deu criou o homem, tirando seu corpo da matéria preexistente que ele animou com seu próprio Espírito. Assim nasceu de alguma maneira um universo novo, ao mesmo tempo grande e pequeno. Deus o colocou na terra (...), esse adorador misturado para contemplar a natureza visível, ser iniciado no invisível, reinar sobre as criaturas da terra, obedecer às ordens do Altíssimo, realidade ao mesmo tempo terrestre e celeste, instável e imortal, visível e invisível, ficando no meio entre a grandeza e o nada, ao mesmo tempo carne e espírito, animal a caminho para uma outra pátria e, cúmulo do mistério, tornado semelhante a Deus por uma simples condescendência da vontade divina." (Maxime Confesseur). O homem neste mundo tem vocação para artesão, cavaleiro e padre. A Franco-Maçonaria faz dele um artesão e um cavaleiro; ela o prepara para receber ou para exercer o sacerdócio universal, do qual o homem nunca foi despojado, até mesmo para receber e exercer o sacerdócio da Igreja, e ela reúne os dons, as palavras seminais espalhadas por toda parte.

55- Assim como na natureza, o verbo se revela num Livro Santo que na Maçonaria se chamaria a lei sagrada. Saint Maxime le Confesseur acrescenta a esses dois primeiros graus da incorporação do verbo, um terceiro grau que reconcilia os dois precedentes: a Encarnação. Mas não se deve falar disso em loja hoje (mesmo que as primeiras constituições da Franco-Maçonaria moderna dêem testemunhos disso). A

Franco-Maçonaria fica aquém daquele terceiro grau: ela não ignora o segundo. O esforço de inteligência e de cultura de mistérios do mundo, que a Franco-Maçonaria requer de seus membros, só tratará os livros sagrados, qualquer que seja a confissão que as reivindique misticamente, da mesma maneira que ela trata a natureza: misteriosamente, isto é, decifrando os hieróglifos. Aquilo a que se poderia chamar esoterismo natural do texto escrito, bem como do texto cósmico, e um esoterismo penetra particularmente a cosmologia e a antropologia.

56- A Torá ou o Antigo testamento, e a tradição judaica nas suas diferentes ramificações desenvolvem o simbolismo ativo e cósmico do Templo e do homem. Isaac Luria analisa os três momentos cabalísticos: Deus se contrai e dá lugar à sua criação (Tsim-Tsum); alguns vasos não suportam a luz infusa, eles se quebram em pedaços esparsos, quais cascas solitárias, mas a luz continua apegada. A tarefa da humanidade consiste no tikkun, que repara ou restaura o mundo quebrado, pela colheita, notadamente sexual, das centelhas luminosas. O simbolismo do tempo e do espaço, seu poder mediador relativo e subordinado, se enriquece para Luria com seu caráter de entidades espirituais; o homem não as conhecerá nem mesmo se ele não se correspondesse inconscientemente (para começar) com o espíritos angélicos. Em todo caso, antes que os olhos dos iniciados contemplem nos tempos messiânicos a transfiguração dos mundos, o homem é o lugar desses mundos, tendo em vista a redenção "inexorável" (Mopsik). "Não é concebível encarar a construção desse templo a não ser com o objetivo da manifestação tangível do "Coração divino" (A. D. Grad.). Para esse fim conspiram as duas funções da cabala teórico-prática: levar ao êxtase que procura a união; celebrar os ritos da teurgia, cujas funções procedem, segundo Moshé Idel, respectivamente, de um ponto de vista antropocêntrico e de um ponto de vista teocêntrico.

57- As iniciações artesanais no Islã têm uma estrutura ritualística que Louis Massignon valorizou, e se relacionam tanto às associações fundadas no pacto de honra cavalheiresco quanto às confrarias místicas. Massignon observa, também, que Salman Pak, o persa de origem cristã, é o iniciador, por excelência, no Sufismo e o senhor das pessoas de carreira. Ora, ao tornar-se muçulmano, Salman não deixou, segundo Massignon,

de ser cristão. É como que um "cristianismo renovado" com purificações abraâmicas. Como memória, só há, tradicionalmente, no Islã, ciências tradicionais.

58- Os dois parágrafos que precedem, relativos ao judaísmo e ao Islã, gostariam de sublinhar o parentesco entre três religiões abraâmicas, fundadas na história e numa história em parte comum; sua eventual complementaridade; sua contribuição para a formação dos ritos e da ideologia maçônica em que predomina a influência propriamente cristã; a oportunidade de vislumbrar o parentesco, até mesmo a complementaridade de suas respectivas problemáticas, tratando-se das relações com a Franco-Maçonaria, (sem prejuízo de sua própria teoria e de sua experiência, ó quão diferente, dos dois eixos segundo os quais os três monoteísmos se edificam: a lei e o messianismo.)

### O Grande Homem



59- "A Maçonaria abraça a universalidade das ciências e os verdadeiros filósofos a consideram com razão como o ponto de partida de todos os conhecimentos do mundo primitivo." (La Réunion des étrangers, 1784). A única loja inglesa contemporânea que visa um objetivo esotérico (a saber a Lodge of Living Stones, a leste de Leeds) lembra que a Franco-Maçonaria pratica a fraternidade, a ajuda e a verda-

de. Mas que o último objetivo é pouco considerado. No entanto, mais do que um sistema de moral, a Franco-Maçonaria tem também por objetivo "as verdades escondidas da natureza e da ciência"; ela colabora com as hierarquias celestes e seu fim é o retorno da alma a Deus; digamos a ajuda ao retorno da alma a Deus. Albert Pike, discípulo de Eliphas Levi e doutor do esocismo: "A Maçonaria, quando é convenientemente exposta, é ao mesmo tempo, a interpretação do grande livro da natureza, o resumo dos fenômenos físicos e astronômicos, a mais pura filosofia e o depósito onde estão em segurança, como num tesouro, todas as grandes verdades da revelação primitiva que formam a base de todas as religiões." (Deixemos o último membro da frase: ele é exorbitante.) Na Maçonaria, "é aí enfim que o cientista Bacon, que o brâmane indiano e que o ministro fiel do cristianismo vêm estender a mão de associação, estudar à porfia, praticar essa ciência universal de que todos os conhecimentos humanos são os raios, de que o homem que é seu objeto oferece a vasta circunferência e de que o centro emanador não é nada menos do que o princípio

adorável que tudo criou." (Irmão pastor Pierre de Joux, 1801).

60- "A iniciação maçônica, escreve Henri Tort-Nougues, não quer salvar, mas despertar a consciência do homem, direcioná-lo para uma procura". Sim, contrariamente ao sacramento e com a reserva de qualificar a procura na causa como sacramental. No que obteve êxito André Doré, a quem só falta Deus na história para assemelhar-se a um Pai da Igreja: "A iniciação ritualística conduz o ser humano a uma conversa permanente com o universo, consigo mesmo, com seu passado, com seu presente e com seu futuro. E ainda: A "revelação primitiva" é a entrevisão acidental do universo do real, da energia subjacente ao mundo fenomênico que ela anima e condiciona." A Franco-Maçonaria é a busca da palavra e da luz: a palavra é aquela da construção do Templo, e de seus construtores; a luz é aquela que reside no Templo e, simbolicamente, difusa da loja que trabalha no Templo.

61- Da Franco-Maçonaria cristã. Muito geralmente, a Franco-Maçonaria contemporânea não é cristã; a Franco-Maçonaria moderna foi descristianizada, segundo um processo longo e imperfeito. É desejável que os elementos cristãos à letra que são mantidos desapareçam. É essa Franco-Maçonaria de que tratamos no decorrer desta exposição, aquela com a qual a Igreja encontra dificuldades. Mas regimes maçônicos se proclamam cristãos. É um caso à parte, não obstante as interferências, na problemática da Igreja e da Franco-Maçonaria. Esses regimes, de fato, impõem o que a Franco-Maçonaria universal não impõe e dizem o que não tem, segundo a Franco-Maçonaria universal, de ser dito em loja. Tais regimes tentam realizar de maneira proposital a articulação que perfaz a Franco-Maçonaria aos olhos de um cristão. Pois a pedra angular do templo maçônico são os mistérios ou cultos da natureza, salvos da idolatria; sua pedra fundamental e sua pedra de sustentação é o Grande Arquiteto do Universo, e no pináculo é a iniciação. Ora, o cristão sabe que além dos protótipos, dos esboços e dos embriões, Cristo é a pedra fundamental, Cristo é a pedra de sustentação, Cristo é aquele que foi alçado ao pináculo do Templo; é ele que é a Via, a Verdade e a Vida. O Templo se realiza, então, na Igreja. Se o cristão franco-maçom sabe, a Franco-Maçonaria cristã afirma e não confunde, por exemplo, a ressurreição em Hiram, que abre para uma nova existência moral, com a ressurreição em Jesus Cristo que confere a vida eterna e deificante. Joseph de Maistre, partidário de um regime maçônico cristão, propõe, todavia, nele admitir candidatos que não professariam o cristianismo, confiando na "ciência do homem" da qual o Regime Escocês Retificado (visto que é desse regime que se trata) fará do aprendiz maçom um cristão e até mesmo um católico romano.

62- Impossível no cristianismo tradicional, ver Cristo sem a Igreja e a Igreja sem Cristo; Cristo está na Igreja e a Igreja está em Cristo. A Igreja grande homem, macro-anthropos, dizem os Padres. Fomos do Templo à Igreja. Vamos agora da Igreja ao Templo.

63- A regeneração da natureza humana em Cristo não somente a libertou dos laços com a corrupção e com a morte, mas também dos ciclos cósmicos; alçou-a acima de sua condição anterior à queda, pela deificação e pela orientação para o Deus Pai. A regeneração e a deificação da natureza humana são realizadas em Cristo e acessíveis pelos sacramentos da Igreja. Por esses meios, pela graça do Espírito Santo que eles veiculam, o homem se torna em Cristo um vencedor do pecado, transcende o poder da corrupção e da morte, e entra na vida do corpo de Cristo, isto é na vida da Igreja. Os sacramentos capitais, ou aqueles nos quais a economia de Cristo está inteiramente resumida, são o batismo e a eucaristia. Pela virtude de sua natureza e de seu objetivo, a Igreja constitui uma "comunhão de deificação".

64- Da Igreja ao Templo, sempre. Com um olho espiritual, diz Isaac o Sírio, nós vemos os segredos da glória de Deus escondida nos seres; com o outro olho espiritual, contemplamos a glória da santa natureza de Deus. E o mundo, diz Ephrem o Sírio, é "um oceano de símbolos", sendo cada símbolo revelação de uma realidade. E ainda Maxime le Confesseur: o mistério da Encarnação do Logos contém em si todos os significados das criaturas sensíveis e inteligíveis. Aquele que conhece o mistério da Cruz e do Túmulo da criação do céu e da terra, segundo o Gênesis, o advento, segundo o Apocalipse, dos novos céus e da nova terra. Estamos no meio, com a Franco-Maçonaria, o Templo e a Igreja.

N.B. Essas notas são preparatórias de um livro que será publicado, Deus queira, com o mesmo título. Pareceu oportuno e até mesmo necessário publicá-las in extenso, desde agora, tais como estão, de tão urgente que é a gravidade do problema em questão. Ora, esse problema é dos mais delicados. Após uma amostra publicada na revista "l'Autre Monde", em 1990, comuniquei, portanto, essas notas a vários correspondentes relacionados ou interessados, no seu uso, mas sobretudo pedindo suas observações, de que uma boa nota foi tomada: um agradecimento especial a Ch. G., Cl. G., J.-F. V.. Hoje, com esse opúsculo, que surgiu primeiro em folhetim na revista "L'Esprit des Choses" (nº 4/5 (1993) a nº7 (1994)) no seio de um círculo mais amplo, porém ainda especializado, é ao público, como se diz, que venho solicitar que critique essas notas.

**Publicação do Cirem - 1995**  
**Centro Internacional de Pesquisas**  
**& de Estudos Martinistas**

## Discurso Iniciático - Dr. Marc Haven

Homem de Desejo, Irmão desconhecido, tu que marchas para Tebas, em qualquer região das nossas terras onde te encontrares, é em ti que penso e é a ti que me dirijo, porque, nos desertos preparatórios, aprendeste nossa língua materna e os verbos primitivos dos nossos Anciãos, como nós, de luminosas tochas, ó viajante desconhecido a quem amo como um irmão.

Amanhã serás o Mestre poderoso do reino terrestre. Não eras ontem o escravo da última das raças e não servirás aos répteis da terra?

Hoje, discípulo de um Mestre, incerto do futuro, tímido ainda, estás amedrontado às portas da luz.

Talvez, repassando em tua memória as etapas percorridas para chegar até lá, encontres uma nova segurança, alguma lição para o presente.

Quando viestes, saindo do mundo até nós, eras apenas mais uma lembrança do homem do qual levavas ainda o nome. Mas todas as tuas faculdades, todas as tuas virtudes, todas as promessas feitas aos teus antepassados estavam mergulhadas no esquecimento voluntário onde as tinhas deixado adormecidas.

Pertencias a esta massa humana concebida em pecado e pelo pecado, tendo em vista as iniquidades inconscientes daqueles que lhes geraram. Quão lúgubre era o quadro desta vida humana à qual pertencias inteiramente!

O homem porta desde o seio materno tais hereditariades e carrega antes da vida um destino já doloroso, e ao nascer é esmagado sob o peso destas "tenebrosas passividades".

Nasce e vai receber interiormente o leite impuro destas mesmas manchas e, exteriormente, de mil tratamentos inábeis que vão deformar seu corpo mesmo antes que seja formado.

Concepções depravadas, línguas falsas e corrompidas vão sitiá-las todas as suas faculdades e o espiar durante o seu desenvolvimento para lhe infectar imediatamente.

Assim, viciado no seu corpo e no seu espírito antes mesmo de o poder utilizar, vai entrar na triste tutela dos que o cercarão na sua primeira idade e que semearão aleatoriamente nesta terra, maus e desordenados germes.

A juventude, a idade viril, vai ser apenas um desenvolvimento sucessivo de todos os germes. Um regime físico quase sempre contrário à natureza vai continuar a pressionar o contra-senso e o princípio da sua vida.

Desviado cada vez mais da sua linha, ávido de conhecimentos exteriores, exterioriza e dispersa todas as faculdades do seu espírito em vez de levá-lo para seu interior onde possui todo o conhecimento e prodigaliza todos os tesouros.

Perde-se em ocupações frívolas e ilusórias, que tomam aos seus olhos a aparência de realidade e que lhe apagam até à passividade do tempo.

É assim que, no meio de uma tempestade perpétua, chega ao fim da sua vida, torturado pelos métodos de uma medicina ignorante, de uma filosofia mundana e dolorosa ao seu espírito e que se evade mais uma vez.

Ali estavas perdido viajante, quando uma voz te chamou pelo nome; um nome ardeu em teu coração e viestes engrossar as fileiras dos Homens de Desejo, apesar dos temores, apesar dos sofrimentos.



Dr. Marc Haven - Emmanuel Lalande  
(1868 - 1926)

Ora, qual foi a tua ascese? Qual método, quais ciências foram-te ensinados para sublimar teu ser?

Os que te chamaram, dos que gostavas como irmãos, foram como amigos reencontrados, e aos que pedias para dirigir os teus passos para as cidades luminosas, mostraram-te, atrás de ti, o deserto.

Fizeram-te compreender que qualquer obra aqui neste plano, devia ser em ti; que demorarias 40 dias e 40 noites em meditação para aprender a conhecer-te, distinguir os teus inimigos dos teus amigos, as hierarquias e suas forças. Fizestes a descoberta de todos os princípios na tua alma, e devia ser assim, porque não

teria sido renovada em todas as suas substâncias, se não recebesse tão elevadas verdades pela tradição, se não tivesses recebido o conhecimento íntimo dos nomes pela experiência e pelo sentir.

Silenciosamente, esperavas por alguma mudança que amadurecesse em vós o Desejo e que o teu espírito se iluminasse.

Lentamente, o progresso se fez; compreendestes inicialmente um pensamento de Deus e o teu ser real, a tua verdadeira individualidade pode finalmente estar plenamente nele.

Um dos sinais mais vivos do teu avanço nesta via foi o dia em que pudestes provar e sentir que as coisas deste mundo não são reais; desta forma, um só momento da tua vida inverteu todos teus ídolos e revelou a diferença que separa o mundo espiritual desta montagem de fantasmas polimórficos, fugitivos, inconstantes, que compõem a região natural onde são vinculados aos nossos corpos. Foi a tua Iluminação.

Tudo o que chamamos hoje desapareceu, tudo retomou o nome universal do Ancião dos Dias. Ao Norte, ao Sul, ao Oriente e ao Ocidente, penetraste o espírito universal. Ora, depois de quatro dias como Lázaro, vivificastes as tuas quatro grandes faculdades primitivas.

Sem descanso e continuamente, até despertar em vós a impetuosidade vital, que foi teu combustível, porque devias expulsar de vós todos os vendedores que tivessem vindo estabelecer a sede do seu negócio no interior do teu Templo.

A continuidade do esforço, a luta diária e a tensão permanente da alma: são as condições indispensáveis para a iluminação espiritual.

Enquanto maiores foram os teus progressos maiores foram os obstáculos que se elaboraram em teu caminho.

Em ti mesmo, os interrogadores, os cétricos e interlocutores estéreis se acercaram para lançar a perturbação na tua razão e os milagres que te pediram, realizados ou recusados, deixaram-te mais fraco na frente deles. Sofrestes as tentações, as ameaças, as provas, antes de deixar o teu deserto.

Mas foi uma feliz e forte batalha e isto porque conhecias a Lei.

É ao preço de grandes sofrimentos que se faz a Regeneração.

Todos os símbolos, todas as tradições ensinam-nos. O

Sol passa ao meridiano inferior antes de surgir glorioso no Oriente; antes que a vida nos penetre, é necessário que o absoluto sofrimento, a aflição, a devastação congele nossas veias e destrua em nós tudo o que tornava a sua presença impossível. É esta via de morte que deve atravessar todo homem o mais rapidamente e alguns mais penosamente, para depois se elevar às alturas celestes. É a via que seguiram os nossos Mestres, é a via do verdadeiro Filósofo Desconhecido.

Terminada a prova, deixas o deserto, vitorioso e munido de uma clareza intelectual e de um íntimo ardor, fruto dos teus trabalhos, marchando outra vez para a cidade dos Homens. Mas tens que te livrar dos símbolos materiais; não tens mais nada em comum com eles, não vives mais este penoso sonho. Portador de armas muito fortes e muito bem protegido contra os ataques ilusórios dos teus inimigos, não sabes mais agir no mundo da passividade; o egoísmo e a dúvida te provocam crises terríveis de incerteza que te paralisam e te prosternam.

Então, como aquele que estava orgulhoso da sua elevação se curva, volta e procura um apoio e suplica na noite, para que um Irmão mais experiente, mais instruído pela possessão dos poderes de um Adepto, apareça e lhe fale.

Se tais são as tuas angústias, Irmão do meu espírito, coração unido ao meu coração, ouçamos juntos o que revelou o Mestre sobre os quatro Mestres reunidos no Jardim das Granadas.

A quatro vozes, irão cantar o cântico da alegria, alegria delirante, alegria suprema, alegria arrebatadora, alegria que fecunda.

Tu que desejas saber, fala e aprende. Não é suficiente que o Homem seja um Pensamento de Deus, e é aí que estanca a nossa Ciência, é necessário ainda que seja uma palavra. Apenas assim será regenerado na sua natureza original. No maravilhoso Jardim ao qual retornamos ninguém se perde em contemplações imóveis, mas sim na luz perpétua, é uma ativa e contínua criação. O pensamento não pode se afirmar sem criar ao redor de si uma série de seres que formam as suas operações e que tornam as suas faculdades ativas. A morte e as palavras de destruição são desconhecidas, porque a vida flui e ultrapassa os muros em flores do Jardim. Desafortunados os Profetas que ensinam as doutrinas do terror, do ódio e da destruição: fujam aqueles que desprezam a carne e o sangue, a Alma em plenitude das suas formas, pois que todas as promessas serão realizadas e a regeneração é uma obra viva.

Amai, falai e agi. Ao redor de ti, de todos os lados, nascem guerreiros para apoiar os teus esforços; hoje, poetas, os vossos Irmãos, estão na rua. Falam sobre

os lugares, vê os gestos como palmas e o verbo como espada.

Mas, que seja ou não o teu destino ser feliz, semeia ao redor de ti as potências regeneradas e das quais sois o depositário e não o proprietário. Sejas o Terapeuta dos materialistas e instintivos, o guia dos anímicos. Envolve-te para descer.

Recorda as palavras: "não é a luz da aurora que devia anteriormente avisar a tua alma dos vossos deveres diários e da hora em que o incenso devia queimar sobre os vossos lares, é a tua voz interior que devia chamar a luz da aurora e fazê-la brilhar sobre a obra, para que seguidamente pudesses do alto deste Oriente, verter-te sobre as nações adormecidas na sua inação e arrancá-las das trevas".

Aí está o teu papel, o teu dever, Homem Regenerado; és um intermediário entre o Eterno e o Temporal, entre o Presente e o Futuro.

Através das palavras dos Mestres compreenderás onde terminam os teus poderes e onde começa a obra da Providência. Instruído por eles, cruzarás os três graus da Iniciação Real.

É por isso que os Sábios Cabalistas davam aos seus discípulos nomes bem diferentes no seu nascimento ao mistério, a sua maioria simbólica, ao seu adepto tradicional. É assim que, o que sabia ler nas estrelas as vontades de Deus antes que fossem executadas sobre a terra, se chamava TEKOA, o homem de sofrimentos, o filho de JOCHAI; e, quando retornou mestre, os seus discípulos chamaram-no como chamamo-lo desde sempre: RASCHBI, o NOVO.

*Dr. Marc Haven*

*Emmanuel Lalande  
genro do Mestre Philippe Nizier*

## Contos Espirituais

### A Reconciliação

"Lembra-te de mim Senhor, quando entrares no teu reino".  
"Em verdade te digo, ainda hoje estarás comigo no paraíso".

Diálogo mais estranho do que este nunca se travou no mundo, de cruz a cruz, entre dois moribundos.

"Lembra-te de mim", quem pede apenas uma gota de amor no meio de um inferno de dores não é homem mau. O homem intimamente mau, mal diz os seus sofrimentos e os autores dos mesmos. O homem mesquinho pede libertação dos tormentos ou aceleração da morte.

O ladrão na cruz pede apenas uma lembrança, um pouco de amor. Pede uma migalha daquilo cuja falta o tornara celerado, perverso e cruel. Desde pequeno, queria ele ser bom, mas os homens o fizeram mau, porque lhe negaram compreensão e amor. Deu um passo em falso e as leis dos homens o condenaram

como malfeitor, a companhia perversa do cárcere induziu a ser mau a quem queria ser bom. E quando terminou a sua pena, andou pelo mundo com o estigma de criminoso e nunca mais encontrou entre os "homens honestos" quem lhe desse uma migalha de amor.



Arrastou-se pela existência noturna com a alma gelada duma frialdade polar. Só na hora suprema da vida, no alto do patíbulo, encontrou finalmente, um homem humano, seu companheiro de suplício. Encontrou um homem que mais acreditava na sua alma do que nas maldades da sua vida. Encontrou um homem que o amava e lhe queria bem.

E o "bom ladrão" sentiu uma tépida aura de benevolência a envolver-lhe a gelada alma. E, por entre o degelo primaveril desse olhar de amor, pediu ao colega de tortura que dele se lembrasse, à luz do seu reino. Não pediu vingança para seus inimigos, não pediu alívio na atroz agonia, pediu aquilo cuja falta fizera de sua vida um inferno: uma migalha de amor! Uma lembrança apenas! Um pensamento carinhoso! Uma gota de amizade!

“Lembra-te de mim, quando entrares no teu reino”.

E conseguiu na morte, de um moribundo, o que em vida jamais conseguira dos vivos. E pelo pouco que pediu, recebeu o muito que não ousara pedir: “Ainda hoje estarás comigo no paraíso”.

Sobre as cabeças da multidão ululante trava-se então, de cruz a cruz, entre dois moribundos, uma amizade sincera, sagrada e eterna.

Amizade entre um homem divino e um homem mau que queria ser bom, e que se faz bom pelo amor daquele que é, que foi e que será.

Hoje, ao lado do Cristo Glorioso há um homem Glorificado!

### O que é a vida?

Um discípulo perguntou à seu Mestre: “Mestre: o que é a vida?”.

E o Mestre respondeu: “Vai para a rua, caminha por elas e visita as três primeiras tendas que encontrares”.

O discípulo entrou na primeira tenda que encontrou e viu que as pessoas trabalhavam com metal.

Entrou na segunda tenda e viu que as pessoas trabalhavam com cordas.

Entrou na terceira tenda e viu uma carpintaria.

O discípulo pensou então: “será que isso é que é a vida?”

Voltou para o Mestre para ser esclarecido e este lhe disse: “Agora você encontrou o caminho para descobrir a vida e um dia compreenderás”.

O discípulo ficou muito aborrecido por não ter compreendido, mas como nada podia fazer foi percorrer o mundo. Anos depois chegou a um jardim onde ouviu uma música tocada por um instrumento que não conhecia. Era uma cítara. Ficou encantado com o som e de repente percebeu que os carpinteiros, os ferreiros e as outras pessoas que trabalhavam nas tendas, faziam parte da construção de um todo.

O discípulo teve um estalo, levantou-se e dançou. O músico, surpreso, parou de tocar, mas o homem continuou dançando e o músico perguntou: “O que há com você?” Ele respondeu: “Agora entendi o que é a vida, ela é tudo, anos atrás entrei em três tendas e não havia cítara, nem havia música, mas todas as peças estavam lá. Precisava, apenas, colocá-las em ordem e

reuni-las em um todo.”

### A Purificação

Um jovem monge, que vivia num mosteiro no deserto, sentindo-se pouco inteligente e incapaz de guardar os ensinamentos espirituais recebidos, procurou o seu mestre e disse-lhe:

- Mestre, grave desgosto me acabrunha. Apesar dos esforços constantes que faço, não chego a conservar na memória, durante muito tempo, as instruções que, para boa conduta na vida, recebo dos mestres. Vão, também, para o esquecimento, os trechos mais belos que leio, diariamente, nos Santos Evangelhos!

O Mestre, que tinha em sua cela dois cântaros vazios, disse-lhe:

- Meu filho, toma um daqueles cântaros; joga-lhe um pouco d'água; lava-o depois cuidadosamente; enxuga-o com teu próprio hábito e deixa-o ficar no lugar em que está.

Maravilhado, embora, com tais palavras, fez o jovem monge exatamente o que o mestre lhe determinara.

Concluída a tarefa, o mestre perguntou-lhe qual dos cântaros estava mais limpo, mais claro e puro.

O jovem monge tomou nas mãos o cântaro que acabara de enxugar e respondeu: - Este, por certo, está mais limpo. Lavei-o com muito cuidado.

Retorquiu, então, o mestre: - E, no entanto, repara bem, meu filho, esse cântaro não mais retém vestígio algum da água que o purificou. Também aquele que ouve, confiantemente, a palavra de Deus, embora não grave na memória o teor dos santos ensinamentos, traz o coração tão puro como um cântaro lavado.

### A Corda

Esta é a história de um alpinista que sempre buscava superar mais e mais desafios. Ele resolveu depois de muitos anos de preparação, escalar uma montanha que nunca tinha sido conquistada pelo homem. Mas ele queria a glória somente para ele, e resolveu escalar sozinho sem nenhum companheiro, o que seria natural no caso de uma escalada dessa dificuldade.

Ele começou a subir e foi ficando cada vez mais tarde, porém ele não havia se preparado para acampar, resolveu seguir a escalada decidido a atingir o topo. Escureceu, e a noite caiu como um breu nas alturas da montanha, e não era possível mais enxergar um palmo

à frente do nariz, não se via absolutamente nada. Tudo era escuridão, zero de visibilidade, não havia lua, e as estrelas estavam cobertas pelas nuvens.

Subindo por uma parede e a apenas 100m do topo ele escorregou e caiu.... caía a uma velocidade vertiginosa, somente conseguia ver as manchas que passavam cada vez mais rápidas na mesma escuridão, e sentia a terrível sensação de ser sugado pela força da gravidade.

Ele continuava caindo... e nesses angustiantes momentos, passaram por sua mente todos os momentos felizes e tristes que ele já havia vivido em sua vida... de repente ele sentiu um puxão forte que quase o partiu pela metade... Shack! Como todo alpinista experimentado, havia cravado estacas de segurança com grampos a uma corda comprida que fixou em sua cintura.

Nesses momentos de silêncio, suspenso pelos ares na completa escuridão, não sobrou para ele nada além do que gritar:

**Ó MEU DEUS ME AJUDE!!!**

De repente uma voz grave e profunda vinda do céu respondeu:

**QUE VOCÊ QUER DE MIM MEU FILHO?**

Me salve meu Deus por favor!!!

**VOCÊ REALMENTE ACREDITA QUE EU POSSA TE SALVAR ?**

Eu tenho certeza meu Deus!!!

**ENTÃO CORTE A CORDA QUE TE MANTÉM PENDURADO...**

Houve um momento de silêncio e reflexão. O homem se agarrou mais ainda à corda e refletiu que se fizesse isso morreria...

Conta o pessoal de resgate que no outro dia encontrou a um alpinista congelado... morto... agarrado com força... com as suas duas mãos a uma corda...

**A TÃO SOMENTE DOIS METROS DO CHÃO...**

E VOCÊ? Está segurando firmemente sua corda?

**POR QUE VOCÊ NÃO A SOLTA?**

## A Água

Nos Alpes Italianos existia um pequeno vilarejo que se dedicava ao cultivo de uvas para produção de vinho, uma vez por ano, lá ocorria uma festa para comemorar o sucesso da colheita.

A tradição exigia que, nesta festa, cada morador do vilarejo trouxesse uma garrafa do seu melhor vinho, para colocar dentro de um grande barril que ficava na praça central.

Entretanto, um dos moradores pensou: "Porque devo levar uma garrafa do meu mais puro vinho? Levarei uma cheia de água, pois no meio de tanto vinho o meu não fará falta."

Assim pensou e assim fez.

No auge dos acontecimentos, como era de costume, todos se reuniram na praça, cada um com sua caneca, para pegar uma porção daquele vinho, cuja fama se estendia além das fronteiras do país.

Contudo, ao abrir a torneira do barril, um silêncio tomou conta da multidão. Daquele barril saiu apenas água. Como isto foi possível?

Acontece que todos pensaram como aquele morador: "A ausência da minha parte não fará falta".

Nós somos muitas vezes conduzidos a pensar "Tantas pessoas existem neste mundo que se eu não fizer a minha parte isto não terá importância."

O que aconteceria com o mundo se todos pensassem assim?

Todos temos um missão a cumprir, o melhor é tentar realizá-la da melhor maneira possível. Sempre amando, amparando e respeitando o próximo.



Publicação da Sociedade das Ciências Antigas

Todos os Direitos Reservados

[www.sca.org.br](http://www.sca.org.br)